



A economia e a solidariedade

— *A casa de Jorge Amado fica aqui, no Rio Vermelho, Zélia ainda vive aí. O Rio Vermelho é um bairro tradicional da boemia. É um bairro onde moram muitos artistas.*

Um garotinho se aproxima da janela do carro e oferece para Luíza bonecas Barbie, numa caixa.

— Obrigada.

Aquele vai, outro vem. Este vende chaveiros.

— Obrigada.

— *Aqui é o que?*

— *A Rótula do Abacaxi.*

— *Por quê?*

— *Porque o trânsito aqui é um abacaxi. É um terror e essa avenida que vai reto vai para o largo das Sete Portas, o largo Dois Leões e Barroquinha, que é pertinho do Pelourinho. Barroquinha é Baixa dos Sapateiros, sobe a ladeira está no Pelourinho. Tem muito nome estranho assim em Salvador, rua da Poeira, Ladeira da Preguiça, Ladeira dos Aflitos... aí aqui a gente vai subir para o Cabula. E aí já estamos no caminho da Engomadeira.*

Comércio fraco pelas ruas, um manequim de calça jeans e top, na falta de vitrine que o proteja, se exhibe apoiado na porta da loja com seu olhar vidrado, para os que passam na rua.

Ao lado uma quitanda, na frente da quitanda um carrinho de mão, todo fechado, de alumínio, anuncia seu produto: munguzá.

É uma cidade negra, mas é também uma cidade portuguesa.... os filólogos e historiadores perdem tempo discutindo se esta cidade se chama cidade de Salvador ou cidade de São Salvador... o povo continua chamando sua cidade pelo doce nome de Bahia. Esta é a cidade da Bahia. Assim a trata o povo de suas ruas desde a sua fundação a primeiro de novembro de 1549.

Jorge Amado, Bahia de todos os santos: guia de ruas e de mistérios. Rio de Janeiro: Editora Record, 1945.

— *A gente está chegando no fim de linha da Engomadeira. É onde os ônibus param. Chama fim de linha, não sei se chama assim lá no sul* — diz Luíza enquanto dirige seu carro.

— *Será que eles vão abrir? Eu costumava estacionar num terreiro de candomblé que tem aqui...*

Pela calçada, crianças pequenas correm, outras riem, outras acenam pra nós. Passamos pela mãe delas que lhes ensina: “*olhe, são os turista...*”.

O terreiro de candomblé está fechado, então Luíza estaciona na rua sem saída da Engomadeira, onde funciona a Cooperativa Popular de Pães – COOFE.

Para chegar aqui, Luíza, 24 anos, não saiu apenas da casa confortável, onde mora na Pituba, e tomou o rumo da Engomadeira. Para chegar a essa cooperativa, o caminho foi bem mais longo. Tudo começou na Faculdade de Administração da Universidade Federal da Bahia, lá no vale do Canela, pertinho do bairro da Graça.

— *O meu pai é professor aqui nessa faculdade de Administração e no dia que eu*



fiz a minha inscrição no vestibular, que eu fui mostrar para o meu pai, ele falou assim: “Tsc, que burrice você fez. Você devia ter feito Economia”. Mas mesmo assim eu entrei em Administração. Nos primeiros semestres da faculdade eu só entrava, assistia aula e saía. Mas eu sabia que em alguma hora eu ia ter que me envolver em alguma coisa da faculdade. Até que soube das reuniões do Bansol, comecei a participar e me identifiquei com a causa. Hoje em dia é realmente o que eu pretendo continuar a fazer. Já terminei a faculdade e estou fazendo mestrado em Administração e continuo estudando Economia Solidária.

— E o seu pai o que achou disso?

— Meu pai, como muitas pessoas, não acredita na Economia Solidária como uma alternativa ao capitalismo. Ele acha que não vai ser nunca a Economia Solidária que vai mudar o modo de produção. E então, assim, a gente tem alguns conflitos ideológicos...

Subimos as escadas da Faculdade de Administração, de um lado uma parede vermelha, do outro um painel de Bel Borba, o artista plástico baiano que distribui seus mosaicos pelas ruas de Salvador.

A universidade da vida popular ocupa por vezes as salas eruditas da Universidade Federal da Bahia. Um dos espetáculos mais fascinantes que vi nos últimos tempos foram as aulas de língua iorubá... nos bancos universitários sentava-se o povo dos candoblés: mães e pais de santo, ogãs, obás, feitas de múltiplas casas de santo... aquela língua conservada a duras penas pelo povo negro, transformada quase pelo tempo em língua ritual dos cultos afro-baianos, voltava ao saber do povo através da Universidade.

Jorge Amado, op. cit.

(Cléber) — Eu entrei na faculdade para ser um executivo. Eu ficava brincando com a galera: “Parece que estou vendo, na capa da revista Exame, ‘o preto que deu

certo’”. A gente entra na faculdade com aquela coisa, você é muito formatado, entendeu? Realmente, o que é que eu pensava? Eu queria ser um executivo, porque na verdade eu não tinha a dimensão do que era realmente ser um executivo. Então era aquela imagem da televisão, o cara que deu certo, a pessoa que não vai morrer de fome. Eu não tinha a idéia dos valores do executivo. Eu tinha a imagem do executivo que a mídia me vendia, entendeu? Aí quando você entra na Faculdade de Administração, você descobre que os valores que você entrou pra buscar na faculdade não são aqueles que são da sua natureza.

Vicente beija Diogo, que beija Clara, que beija Cléber, que beija Iara, que beija Vagner, que beija Luís, que beija Esdras, que beija Luíza, que beija Ana Paula, que beija Ludmila, que beija Vicente, onde o círculo se fecha. É o beijo coletivo do Bansol. Assim costumam começar e terminar essas reuniões.

(Vicente) — Porque eu tenho um carinho muito grande pelo início do projeto Bansol. Tinha estudantes, professores e pela primeira vez na minha vida eu vi todo mundo sentar numa roda e construir um projeto coletivo, sabe? Admiro muito os professores que se permitiram isso. Foi uma das fases mais lindas, eu pensava: “Caramba, isso é Economia Solidária, é possível a gente colocar em prática aquilo que a gente tanto estudou”.

(Ludmila) — O professor Genauto França tinha acabado de voltar do doutorado em Paris, com uma tese fresquinha sobre Economia Solidária, a Suzana Moura já estava desenvolvendo a pesquisa do desenvolvimento local, que aí enveredou para a vertente da Economia Solidária, mais Débora Nunes, professora de uma universidade



particular e ainda o professor Niltinho (Nilton Vasconcelos Jr.), que sugeriu a inclusão do pessoal da incubadora tecnológica da Universidade Estadual da Bahia. Junto com esses professores e técnicos estávamos nós, os estudantes.

Salvador, 20 de julho de 2001

Ata de Fundação do Bansol

Nossa primeira reunião foi um sucesso. Mais de dez pessoas compareceram e falaram. Manifestaram seu interesse, empolgação e compromisso com a idéia do Bansol.

(Vicente) — Quando o professor Genauto apareceu, trazendo essa reflexão mais profunda sobre o universo das organizações das empresas, os conflitos entre capital e trabalho e trazendo essa proposta de economia solidária, eu senti pela primeira vez que era possível unir duas coisas aparentemente opostas: economia e solidariedade, empresa e autogestão. Então foi aquilo: “meu Deus, será que isso é verdade?”. Porque a primeira impressão que se tem é que isso é uma loucura, que não faz sentido você juntar essas duas dimensões. E aí você descobre que faz sentido e isso pra mim foi libertador.

(Maiana) — O Bansol foi uma luz no fim do túnel. Eu ficava um pouco desesperada: “poxa, eu vou sair da faculdade, eu vou pra onde depois?”. Eu não quero trabalhar numa empresa e sei lá, ter uma vidinha assim que não faz sentido, que não muda, que não altera.

(Vicente) — Quando chega na faculdade você tem um curso que infelizmente não é um curso de Administração, é um curso de administração de empresas capitalistas de mercado.

(Esdras) — Porque realmente esse curso de Administração aqui da Federal da Bahia é um curso muito elitista, né? E o trabalho do Bansol não se encaixa no perfil da faculdade, então quando a gente vai apresentar o nosso trabalho em outras instituições, organizações, as pessoas olham para a cara da gente assim e perguntam: “Vocês são de Administração da UFBA?”. Ninguém acredita, é impressionante isso.

(Cléber) — No Bansol nós colocamos o foco no ser humano e não na questão do capital. E nós estamos numa escola de gestão que tem valores tradicionais: a busca incessante pelo lucro, a competição, tratar as pessoas como recursos (na verdade são os recursos humanos, não são pessoas), então você aprende a contabilizar tudo isso. Maximizar e minimizar até as motivações e aspirações das pessoas. E com o Bansol a gente foi na contracorrente de tudo isso.

Salvador, 12 de julho 2002

Ata

Hoje subvertendo a ordem dos acontecimentos do dia, vou começar a ata pelo final, pois temos uma notícia MARAVILHOSA!

O Bansol fez o seu primeiro financiamento!!! A COOFE é a nossa primeira investida!!! E que o fundo se multiplique!!!

Parabéns pra gente, para a COOFE e ITCP!!!

Bom, mas me recompondo e dando um tempo para vocês fazerem o mesmo, caso alguém tenha caído da cadeira comemorando...

Luíza estacionou seu carro em frente à COOFE e agora ninguém entra, ninguém sai. Muito pouca gente tem carro por aqui.

O bairro da Engomadeira é um dos mais pobres de Salvador. Tem cerca de 30 mil habitantes e uma taxa altíssima de desnutrição, mortalidade infantil e desemprego. O bairro surgiu de uma ocupação num terreno acidentado. A renda familiar é de um salário mínimo e meio.

A Cooperativa existe desde 99, criada por 27 pessoas da comunidade; hoje, apenas sete tocam o projeto.

— *Esse é o único homem da COOFE* — diz Luíza, nos apresentando Nei, com touca de padeiro na cabeça.

As mulheres Iraci, Janice, Maria da Conceição, Vânia e Jô, em volta de uma mesa, colocam cerejas em roscas doces para irem ao forno.

(Janice) — *O pessoal do Bansol veio aqui conhecer o nosso trabalho, né? Nós fazíamos pão e panetone e foi num momento que a gente estava com muita dificuldade por causa do aumento do preço da farinha de trigo. Na época a gente tinha muitas dívidas e estava a ponto de fechar a cooperativa, foi quando o Bansol tinha ganhado um prêmio e acreditaram na gente e resolveram investir na nossa cooperativa.*

(Esdras) — *Na visita que a gente fez à COOFE a gente viu que eles precisavam pagar contas de consumo e comprar matéria-prima. Então quando nós ganhamos o prêmio da Fenead (Federação Nacional dos Estudantes de Administração) e recebemos a primeira parte, 10 mil reais, nós resolvemos fazer o empréstimo para a COOFE. Emprestamos 2.457 reais.*



(Iara) — *O empréstimo tinha uma taxa que nós denominamos taxa de retribuição solidária. Então era assim, o Bansol, ao fazer o empréstimo para a Cooperativa, se tornava um dos cooperados; assim, cada vez que houvesse o excedente a ser distribuído entre os cooperados, o Bansol também receberia a sua parte. Por exemplo, se cada cooperado recebesse 200 reais, o Bansol também receberia 200 reais. No nosso empréstimo não existia juros, só a CPMF e a inflação.*

(Cléber) — *Emprestamos os recursos para a COOFE, boa parte do montante para quitar dívidas e o que aconteceu? Eles saldaram essas dívidas e sobrou uma parte para tocarem a produção, mas não foi o suficiente, os cooperados também precisavam retirar algum dinheiro para se manter. E o que aconteceu? A COOFE não conseguia na verdade gerar um excedente que permitisse que a gente retirasse a nossa parte de cooperado, porque eles produziam muito pouco. O bairro já tinha muitas padarias, eles vendiam muito pouco. Então ficou assim, até hoje, quando eles podem, eles pagam.*

Assim, passados dois anos do empréstimo, o Bansol recebeu de volta a metade do montante emprestado.

(Vicente) — *Aí a gente pensou: “será que o crédito é a melhor forma da gente apoiar esses projetos?”. Então, com a experiência da COOFE e de outros empreendimentos, a gente viu que muitas vezes a gente estava só adiando um problema que poderia voltar a acontecer lá na frente. Porque muitas vezes esses empreendimentos estavam trabalhando com produtos dissociados da realidade da comunidade; por exemplo, a COOFE fez uma cooperativa de pães e no processo eles descobriram que pão é o que menos dá dinheiro em uma padaria, pão muitas vezes dá até prejuízo, o que*

dá lucro são os utensílios que eles vendem nas padarias. Foi aí que percebemos que a questão das finanças era muito limitante e que se a gente quisesse realmente fomentar a Economia Solidária, teria que trabalhar em diversas frentes, ou seja, na produção, no consumo, nas finanças, na articulação política, no processo educativo.

Naquele sol ardente de quase metade do dia, um menino espera do lado de fora, naquela rua sem saída, onde fica a padaria da COOFE.

Nei entra em cena, entrega o saquinho de pães pela janela da casa e aproveita pra pôr em prática uma regra do bom comerciante: “Obrigado, volte sempre”.

— *Ó Nei, eu tô sempre aqui...*

O pãozinho aqui custa dez centavos, nas padarias comuns o preço é 15 centavos.

(Janice) — *Toda a comunidade compra da gente, a maioria compra pelo preço mais acessível. Mas agora, depois do empréstimo do Bansol, a gente conseguiu se equilibrar e oferecer mais produtos, antes a gente não fazia a rosca doce.*

(Iraci) — *Na época que os meninos do Bansol apareceram, a gente estava querendo um carro e conseguimos. Carro de mão, né? Para oferecer os pães no final da tarde pelas ruas da comunidade.*

— *E quem leva o carro?*

(Iraci) — *Olha o piloto aqui, ó. — E aponta pra Nei, encostado no batente da porta.*

(Janice) — *Agora nós vamos aumentar os postos de trabalho, vamos abrir a cooperativa para mais 22 pessoas da comunidade, de acordo com as regras que estabelecemos no estatuto. Temos esses 22 postos por causa de um projeto da Petrobras onde fomos incluídos.*

Nos últimos três anos, a Bansol nunca deixou de acompanhar o trabalho da COOFE, sempre percebendo as necessidades de cada etapa. No começo a necessidade era a estruturação, agora nos últimos tempos a questão tem sido a comercialização. Para isso, os integrantes da Bansol fizeram uma pesquisa de mercado sobre o potencial de compra da comunidade e as possibilidades de distribuir os produtos da cooperativa nas padarias do bairro.

Além disso, a Bansol costuma estimular as pessoas das cooperativas para participar de encontros, feiras, fóruns, sobre Economia Solidária, em todo o Brasil.

(Janice) — *A gente cresce como pessoa, a gente se fortalece para o grupo. Eu acho que se não fossem esses encontros, a gente não teria sobrevivido até agora. A gente volta muito fortalecida desses encontros. Vem sabendo que a gente tem que lutar para descobrir os caminhos para resolver cada problema. E tudo que a gente vive é um processo, não podemos desistir. O grande objetivo é gerar trabalho e renda com a Economia Solidária. E é isso que nos dá força para poder dominar os conflitos.*

Sáimos da Engomadeira, sem rumo certo por Salvador. Debaixo de um viaduto, morcegos no muro. Bel Borba passou por aqui. Num ponto de ônibus, um homem corre na parede, Bel Borba passou por aqui.

Na avenida do Contorno, no muro imenso, de onde se avista a Baía de Todos os Santos, um carro com pessoas na janela, um tocador de sax, piranhas com dentes afiados, um homenzinho no topo de uma escada, um balão, um



helicóptero, um avião e gaivotas, gaivotas sem fim. Bel Borba passou por aqui. Retratos do cotidiano do século 20, feitos em mosaicos, numa arte de rua.

O conservador e o revolucionário coexistem no espírito da cidade, chocam-se, fundem-se por vezes, são quase palpáveis no seu contraste. Encontrará uma arte essencialmente política, desde os tempos longínquos de Gregório de Matos até os dias de hoje, uma arte a serviço do povo, ligada ao cotidiano.

Jorge Amado, op. cit.

(Esdras) — *A gente acredita que para promover o desenvolvimento, acabar com a pobreza, o principal foco é o consumo. Não adianta, por exemplo, numa comunidade periférica, se investir em produção se as próprias pessoas que moram lá não têm condições de consumir. Então a gente crê e define o consumo como um ato político, porque a gente sabe que quem define a parada hoje é o consumo.*

(Clara) — *Em termos de revolução pessoal, o Bansol trouxe para a minha vida a preocupação com o consumo ético e solidário, eu estou tentando aos poucos transformar isso em mim. Fim de semana, eu estava com um pessoal num barzinho e o pessoal: “E aí Clarinha, não vai querer uma cerveja?”. “Não.” “E uma Coca-Cola?” “Também não, eu quero uma água de coco.” Sabe, eu descobri aqui no Bansol que compra é poder. Que a gente pode modificar as relações de consumo, de distribuição através da escolha do que comprar, do que vestir. Pensar em quem você está beneficiando com a sua compra. A indústria americana? A exploração da mão-de-obra de países pobres? Ou um grupo de pessoas da sua comunidade?*

(Vicente) — *Têm um projeto que a gente apoiava que visava à implementação da COOPAVV, Cooperativa Popular de Alimentação de Vila Verde. Eles tinham uma horta comunitária, a horta está até funcionando, estão até com delivery, entregando coentro orgânico, tudo orgânico. Uma das maiores dificuldades da comunidade era a fome e era uma cooperativa de produção de alimentos, uma horta comunitária e um*

restaurante comunitário. A gente conseguiu montar com eles um prato de quentinha no valor de um real, para que eles atendessem a comunidade. E o que se descobriu é que, dentre o total de moradores da comunidade, apenas poucas pessoas tinham condições de comprar aquela quentinha.

(Cléber) — *Vila Verde é um lugar de disputa de tráfico de drogas e, assim, não sai na mídia. É periferia da periferia. É um lugar para onde foram pessoas de vários pontos de Salvador. Numa enchente que teve aqui em 1996/97, a prefeitura pegou famílias de diferentes lugares, culturas diferenciadas e botou tudo nesse lugar que é o alto de uma colina, perto de Itapoã. Convive todo mundo ali. E o que aconteceu? Ficou altamente vulnerável, porque as pessoas não tinham uma rede de ligações e aí o tráfico entrou e tomou conta.*

(Ludmila) — *A gente teve que parar porque teve um grupo de extermínio por lá, um dos meninos que era amigo do pessoal da cooperativa foi morto. E aí o pessoal*



ligava pra gente dizendo: “Ó, não venha, não entre aqui de carro, vocês estão sendo visados”. A gente entrou em contato com o Fórum de Combate à Violência, para pelo menos fazer alguma coisa, senão a gente ia só ver na televisão e pensar: “Ah, morreu mais um”. Aí você começa a ter uma outra postura diante dessas notícias e diante da sociedade que a gente está construindo.

(Luíza) — *Hoje nós nos afastamos do projeto por conta da violência, fechamos questão que não dá para desenvolver um trabalho comunitário que não consegue ter uma continuidade. Inclusive foi a própria líder comunitária que pediu pra gente dar um tempo, porque estava ficando muito perigoso.*

Seguimos Vicente até o Gol branco, no pátio da Faculdade de Administração. Ele abre o porta-malas e guarda sua mochila pesada de estudante. Aos 24 anos, terminou Administração e se prepara para o mestrado.

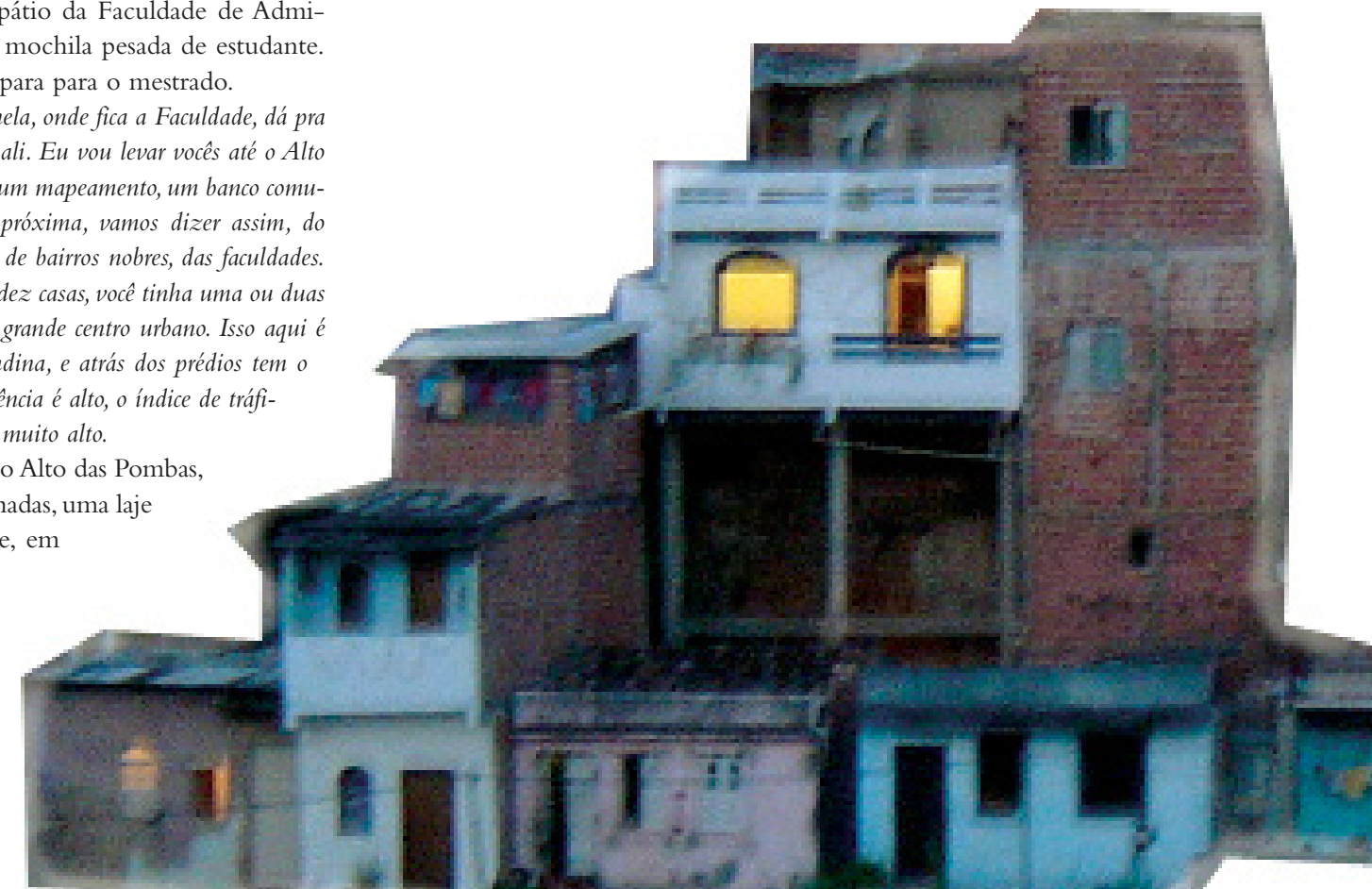
(Vicente) — *Daqui de baixo, do vale do Canela, onde fica a Faculdade, dá pra ver os prédios e as casas antigas da Graça, eu moro ali. Eu vou levar vocês até o Alto das Pombas, a gente está com um projeto lá de fazer um mapeamento, um banco comunitário. É uma comunidade interessante. Ela fica próxima, vamos dizer assim, do Carnaval Baiano, do trajeto do Carnaval, próxima de bairros nobres, das faculdades. E nesse mapeamento a gente descobriu que, de cada dez casas, você tinha uma ou duas pessoas que costumavam passar fome. Isso aqui, no grande centro urbano. Isso aqui é o cartão-postal de Salvador, é essa orla aqui de Ondina, e atrás dos prédios tem o Calabar e o Alto das Pombas, onde o índice de violência é alto, o índice de tráfico de drogas é alto, mas o índice de fome também é muito alto.*

Subimos pelo Calabar, para de lá enxergar o Alto das Pombas, por inteiro, assim, no seu retrato de casas empilhadas, uma laje em cima de uma casa, em cima de outra laje, em cima de outra casa, em cima de outra laje...

Paramos num terreno vazio entre muros.

Uma velha gameleira entorta seu tronco. No muro azul alguém escreveu com letras miúdas, pra não chamar muita atenção: “chega d.violência”.

Um mecânico do outro lado da rua, boné e roupa suja de graxa, acena para sair na foto.



É uma beleza antiga, sólida e envolvente a dessa cidade. Não nasceu de repente, foi construída lentamente e está amassada no sangue dos escravos. No largo do Pelourinho eles eram castigados e das janelas dos sobradões imensos as frágeis iaiás espiavam os corpos nus cortados à chibata.... É uma beleza que escorre como óleo do casario e das pedras negras de certas ruas, os nomes como poemas: Rua dos Quinze Mistérios, Ladeira do Tabuão, Rua do Cabeça, Largo das Sete Portas, Mirante dos Aflitos, que escorre das igrejas dos santos negros, esculpidos em madeira e ferro, Xangô, Oxóssi, Ogum, Exu amedontrador, a bravia Yansã e o tétrico Omolu, que comanda a varíola.

Jorge Amado, op. cit.

E vamos saindo do Calabar, o dia perdendo a cor, a luz elétrica tomando conta da paisagem. O Salão Modelito com a placa despencando passa, o Salão Toque de Beleza também.

— *Aqui é a estrada do Calabar, diz Vicente.*

Passa um comércio pobre de barraquinhas pelas calçadas. Numa porta aberta se lê, bem grande: “use o banheiro”.

— *A gente vai passar agora no restaurante da Dadá, o primeiro restaurante da Dadá foi aqui, no Alto das Pombas.*

Passa uma mulher com uma trouxa de roupas equilibrada na cabeça, ruas estreitas, mulheres conversam em cadeiras na calçada. Crianças brincam de correr.

Um homem passa levando um carrinho de mão e alguém grita: “*Oh Damasceno!*”. Ele interrompe a caminhada pra conversar com o amigo.

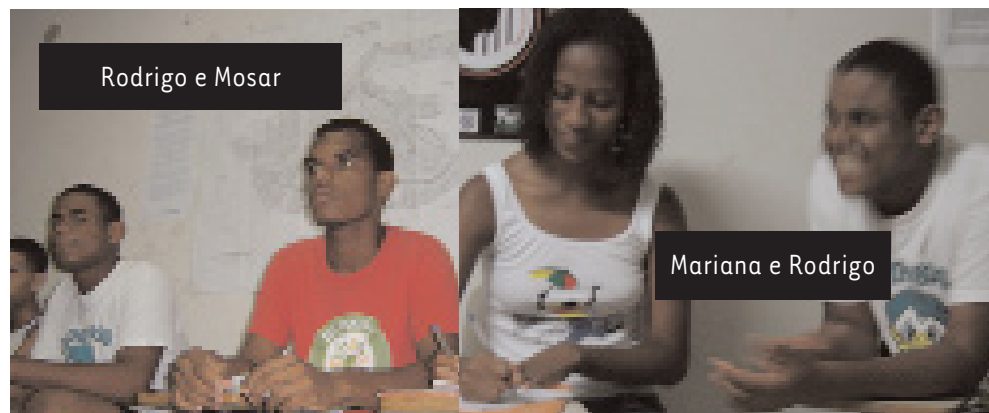
E naquela luz azulada das lâmpadas fluorescentes, a barraca de pastel do seu Luiz, a barraca de doces, vizinha, vão se acendendo, aguardando os fregueses do Alto das Pombas, que começam a chegar.

E numa casa aqui no alto, de onde se avistam os prédios de Ondina ao longe, nos encontramos com o pessoal da comunidade que participa do projeto Incluir Sim. Representando o Bansol vieram Esdras e Vicente.

(Esdras) — *Uma coisa muito importante nesse projeto é que a gente conseguiu incluir a comunidade em todo o processo. Por exemplo, normalmente se contrata um instituto de pesquisa para fazer um retrato da comunidade, nós fizemos oficinas de capacitação e foram os jovens da comunidade que fizeram esse trabalho. E quando a gente elaborou, junto com eles, o questionário a ser feito, os jovens disseram: “Não, não precisa fazer essas perguntas sobre fome, porque aqui na nossa comunidade ninguém passa fome, não”. E agora no decorrer do processo, eles descobriram que muita gente da comunidade passa fome e eles nem imaginavam.*

(Adriana) — *Nós estamos perto das pessoas, mas ao mesmo tempo distantes da intimidade delas, e a gente entrando na casa da pessoa pra fazer a pesquisa viu realmente o que elas passam.*

(Mariana) — *O conhecimento que a gente adquiriu dentro desse processo eu acho que é maior do que qualquer outro projeto de você palpar mesmo. Para a gente o resultado já aconteceu. Porque já mudou a nossa mentalidade, a gente já tem outra consciência hoje. Porque quando eles chegaram a gente achava que ia ser a mesma coisa. A Universidade, quando chega na comunidade, já chega com um projeto pronto. É, como se diz, é um caso de objeto-sujeito. A comunidade é objeto. E dentro do*



Incluir Sim, nós fomos os sujeitos, porque é a gente que faz as ações, a gente que construiu esse projeto de inclusão social dentro da perspectiva da Economia Solidária.

(Mosar) — *A gente pensa em criar um banco, como o Banco Palmas, em Fortaleza, com uma linha de microcrédito. E aí nós vamos passar a discutir quem, na comunidade, vai receber o crédito; por isso fizemos o mapeamento do consumo local, para descobrir o potencial da comunidade. Por exemplo, a gente sabe que tem 200 baianas de acarajé, mas na comunidade se consome o dobro de acarajés que elas produzem e quem sabe não seria uma das linhas de crédito financiar uma outra tabuleira de acarajé? Lá no Palmas a gente viu uma empresa de produtos de limpeza, eles produziam e a comunidade consumia, e isso gerava renda para seis jovens.*

Aqui no Alto das Pombas o critério que a gente está querendo adotar para a escolha do crédito é o vizinho. Quem vai avaliar se a pessoa deve ter direito ao crédito é o vizinho, porque ninguém conhece melhor a pessoa do que o vizinho dela, não é? Se é brigão, se dá calote, vizinho sabe de tudo isso...

(Paulo) — *A agência de crédito será a base, mas a nossa idéia é atingir também outras metas, a alimentação, a infra-estrutura, o saneamento básico, o desemprego que assola as famílias, a violência.*

(Mariana) — *Eu acho que o mapeamento veio para mudar a gente, porque agora a gente conhece o nosso bairro. Agora a gente vê quantas costureiras tem, marceneiro, pintor... A gente foi descobrindo isso, as pessoas desempregadas, em casa, a gente foi descobrindo a profissão delas. A gente tem que ver também o poder de consumo que a gente tem. Então hoje a gente está consciente e procuramos conscientizar as outras pessoas que elas tem que consumir dentro do próprio bairro, ela tem que fazer essa rede, que a gente tem o poder de consumo, que consumir aqui vai fazer o dinheiro rodar aqui mesmo e que todo mundo da comunidade vai ganhar com isso. A gente vai fortalecer o pastel do seu Luís, a barraquinha de doce aí vizinha e, enfim, todo o comércio local.*

E assim, como o que está em baixo é igual ao que está em cima, aqui no Alto das Pombas, como lá embaixo na Faculdade de Administração, o encontro termina da mesma forma. Mariana beija Mosar que beija Josimar que beija Vanessa, que beija Elisângela, que beija Viviane, que beija Claudenice, que beija Adriana, que beija Vicente, que beija Paulo, que beija Esdras, que beija Mariana.



Origens e Propostas

A Bansol nasceu em 2001 como uma idéia conjunta dos alunos da Faculdade de Administração da Universidade Federal da Bahia e professores da mesma universidade, além de professores do ITCP (Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares) da Uneb (Universidade do Estado da Bahia), e da faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UNIFACS.

A idéia era criar um projeto para participar do prêmio Fenead (Federação Nacional dos Estudantes de Administração), um concurso de projetos sociais. Esse projeto era, a princípio, construir um banco solidário que fornecesse crédito barato para empreendimentos solidários.

Eles ganharam o prêmio (20 mil reais) e passaram a fazer empréstimos a cooperativas já existentes, que passavam por alguma crise.

Assim nasceu a Bansol.

(Luíza) — *A Bansol teve três denominações. Primeiro foi “banco solidário”, e a gente logo viu que não ia poder ser porque ia ter problemas com o Banco Central. Em seguida a gente passou para “finanças solidárias”, até que a gente chegou naquela questão, depois do empréstimo da COOFE: será que dinheiro é o principal? E a gente concluiu que não, foi aí que a gente resolveu deixar de ser um banco solidário, finanças solidárias e passar a ser uma associação de fomento à economia solidária.*

E daí nasceu um manifesto.

MANIFESTO POR UMA INICIATIVA VERDADEIRAMENTE SOLIDÁRIA

“Queremos uma proposta diferente, não uma organização que sirva de ponte para o sistema financeiro já instituído, que siga a mesma lógica e, por conseqüência, reproduza injustas relações. Queremos uma organização que não vise o lucro, mas sim, apoiar iniciativas solidárias...

Uma instituição cuja preocupação central seja a manutenção do fundo de empréstimo e que mesmo que vise a sua ampliação, o faça através de outras iniciativas que

não seja a aplicação de juros de mercado, ou taxas próximas às que ali se praticam.

Essa iniciativa é viável? É a organização que queremos, é a que nos interessa construir. É o que entendemos como uma instituição que forneça crédito barato, para viabilizar atividades produtivas de iniciativa popular.

Como se faz uma organização assim? É uma iniciativa em construção, em que se aprende à medida que nos comprometemos com uma idéia que aos poucos se concretiza. Para isso precisamos de todos.”

A visão definida pelo grupo prevê tornar o Bansol uma associação sustentável reconhecida e integrada a uma rede de Economia Solidária.

A Bansol passou a ser uma associação acadêmica que desenvolve atividades curriculares de ensino, pesquisa e extensão na Escola de Administração da UFBA. Isso significa que, assim que o aluno conclui a faculdade, ele se desliga da Bansol.

(Cléber) — *Porque o medo da gente foi o seguinte: precisar começar a usar o Bansol para atender as nossas conveniências. Ficamos com medo de nos tornarmos mais uma coisa qualquer que está dentro da universidade pública, fazendo uso privado do espaço público. Não é justo. A Universidade tem um compromisso social que não é este. Na verdade pensamos o seguinte: nós, como profissionais, precisamos nos sustentar. Então vamos ser realistas e dar essa oportunidade a outros estudantes. E a gente vai continuar na causa em outros espaços, ajudando o Bansol o quanto for possível, e o Bansol tem que se renovar... aquela coisa do desapego...*

